

# AS VOGAIS PRETÔNICAS DOS VERBOS NO PORTUGUÊS FALADO NO INTERIOR PAULISTA E O PROCESSO FONOLÓGICO DE ALÇAMENTO.

Márcia Cristina do Carmo, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciani Ester Tenani. – Linguística – Letras – Licenciatura – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus de São José do Rio Preto.

Os estudos sobre vogais pretônicas são de grande importância para a descrição e caracterização fonológica dos dialetos, posto que a variação entre diferentes segmentos vocálicos, como [e ~ i] e [o ~ u], em contextos de sílabas pretônicas revela diferenças entre dialetos do Português Brasileiro.

Neste trabalho, será apresentada uma descrição do processo fonológico de alçamento das vogais pretônicas [e, o] dos verbos no português falado no interior paulista, mais especificamente, na região de São José do Rio Preto. A partir de um primeiro levantamento de dados, pôde-se verificar que tal processo é o mais recorrente e relevante para a caracterização dessa variedade linguística.

O alçamento pode ser definido como o processo em que ocorre a elevação do traço de altura das vogais médias [e, o], que são pronunciadas, respectivamente, como as vogais altas [i, u], como, por exemplo, em *pr[i]cisa* e em *d[u]rmir*.

A seleção das vogais pretônicas pertencentes apenas à classe gramatical do verbo para estudo ocorreu devido ao fato de as vogais pretônicas dos verbos não atuarem de maneira semelhante às dos nomes, ou seja, o comportamento das vogais pretônicas dessas duas grandes classes gramaticais não são os mesmos. Além disso, há uma certa ausência de estudos das vogais pretônicas em palavras pertencentes à classe gramatical dos verbos, tendo em vista que os estudos já existentes acerca das vogais pretônicas parecem privilegiar os comportamentos dessas vogais pertencentes aos nomes.

Como corpus de pesquisa, são utilizados doze inquéritos de fala espontânea selecionados do banco de dados IBORUNA, produzido pelo projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (FAPESP 03/08058-6), desenvolvido no IBILCE/UNESP, câmpus de São José do Rio Preto. Em nosso corpus, os informantes têm o seguinte perfil social: sexo feminino, grau de escolaridade superior completo ou em andamento e pertencem a uma das seguintes faixas etárias: de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos e de 36 a 55 anos.

Quanto à metodologia utilizada, foi extraída cada ocorrência de vogal pretônica dos verbos e identificados os fatores linguísticos controlados. Em seguida, foi feita a análise desse conjunto de dados, procedendo à transcrição fonética tanto de base perceptual, como de base acústica. Os contextos de variação foram identificados e, em seguida, foi feita uma quantificação das ocorrências selecionadas.

Sabe-se que alguns fatores linguísticos influenciam o comportamento das vogais pretônicas. Para esta apresentação, serão considerados os seguintes: (i) contexto vocálico subsequente; (ii) contigüidade da vogal alta em relação à pretônica-alvo; (iii) tipo de vogal tônica; (iv) fronteira morfológica; e (v) segmentos consonantais adjacentes.

Os primeiros resultados encontrados na realização da análise podem ser observados no quadro seguinte:

	<b>Pretônicas /e/</b>	<b>Pretônicas /o/</b>
Sem alçamento	402 (72,2%)	349 (86,8%)
Com alçamento	155 (27,8%)	053 (13,2%)
<b>Total</b>	<b>557 (100%)</b>	<b>402 (100%)</b>

Quadro 1 – Frequência de vogais pretônicas nos verbos

Verificou-se que o processo de alçamento não ocorre na maioria das vogais pretônicas dos verbos analisados. Esse resultado independe de a vogal pretônica ser [e] – total de 72,2% de não aplicação do processo – ou [o] – total de 86,8% de não aplicação do alçamento. Observou-se também que esse processo é mais freqüente nas pretônicas [e] (27,8%) do que nas pretônicas [o] (13,2%).

No que se refere ao tipo de vogal tônica, sabe-se que a vogal tônica do vocábulo em que a média pretônica está inserida tende a exercer influência na sua realização. Câmara Jr. (1970) considera

que o alçamento da pretônica é provocado pelo fato de o vocábulo possuir vogal tônica alta. Já Silva Neto (1970) e Bisol (1981) observaram que o que importa não é o fato de a vogal alta ser tônica, mas sim contígua à pretônica. Nos resultados, 56,05% das pretônicas dos verbos que apresentam tônicas altas alçaram, como em *d[i]via* e *cons[i]guir* – vocábulos que apresentam uma vogal tônica alta contígua à pretônica. No entanto, há indícios de que o fato de haver uma vogal alta na sílaba tônica não é fator essencial para o alçamento das vogais pretônicas dos verbos do dialeto rio-pretense, tendo em vista a presença de ocorrências como *inscr[e]via* e *m[e]r[e]cia*, as quais têm vogal alta na sílaba tônica, mas não apresentaram alçamento.

Tem-se, assim, a contigüidade da vogal alta em relação à pretônica alta como um fator lingüístico relevante. Verificou-se que o alçamento ocorre na maioria (51,6%) das pretônicas que apresentam vogal alta subsequente, como em *c[u]zinhar*.

Quando analisado o fator lingüístico fronteira morfológica, verificou-se que, em 64,1% das formas verbais que apresentam o sufixo modo-temporal de pretérito imperfeito */-ia/* (por exemplo, *d[i]via* e *p[u]dia*), ocorre alçamento. Segundo Collischonn e Schwindt (2004), essa atuação do sufixo */-ia/* como favorecedor do processo pode ocorrer pela grande frequência desses sufixos na língua falada. Já em formas verbais que apresentam o sufixo modo-temporal de futuro do pretérito */-ria/* (por exemplo, *l[e]varia* e *g[o]staria*), o alçamento não ocorreu (0%). Uma possível justificativa para esse grande desfavorecimento do processo também se encontra na questão da frequência de emprego: o fato de o futuro do pretérito ter uso reduzido na língua falada.

Os exemplos de alçamento citados estão ligados ao processo de harmonização vocálica, em que o traço de altura da pretônica é determinado pelo traço de altura de uma vogal subsequente. Encontramos, no entanto, o alçamento também em vocábulos que não possuem vogal alta, como *c[u]mer* e *alm[u]çar*. A realização do processo no primeiro exemplo pode ser explicada pela existência de uma consoante precedente velar [k], que possui uma articulação alta, influenciando, assim, na elevação da pretônica. Já no segundo exemplo, o alçamento pode ser explicado pela presença da consoante bilabial precedente, que, devido ao seu traço de labialidade, favorece a forma alçada [u] por esta ser mais arredondada do que [o] (BISOL, *apud* CELIA, 2004).

Foram confirmadas, a partir dos resultados encontrados, algumas conclusões de estudos já realizados sobre vogais pretônicas de outros dialetos, como, por exemplo, a de Bisol (1981), que, em seus estudos sobre as vogais pretônicas do dialeto gaúcho, afirma que o que importa para a realização do alçamento é a contigüidade da vogal alta em relação à pretônica, e não necessariamente sua tonicidade. Por outro lado, também foi constatado que nem todas as pretônicas seguidas de vogais altas alçam, como é o caso de *m[o]dificar* e de *pr[o]duzir*.

## Referências Bibliográficas

BATTISTI, E. & VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do Português. In.: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.159-194.

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

CÂMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Harmonia vocálica no sistema verbal do português do sul do Brasil. *Estudos de Fonologia e de Morfologia*. Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 73-82, 2004.

SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L. & BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do Português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.161-182.

SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.